

EU, EDITOR-CHEFE ME CONFESSO. A IMPORTÂNCIA DA PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA EM MEDICINA

// I, EDITOR-IN CHIEF CONFESS. THE IMPORTANCE OF SCIENTIFIC PUBLICATION IN MEDICINE

RUI TATO MARINHO¹

¹Editor-chefe Acta Médica Portuguesa

O mundo da medicina moderna vive quase que numa ditadura da publicação científica. É o mundo do “publish or perish”.

Publicar é ao mesmo tempo importante para o *Curriculum Vitae* individual, promove a equipa de trabalho, o Serviço, a instituição (Faculdade, Hospital, Instituto de Investigação, a Universidade), o País. Deve ser visto até como uma mais-valia económica.

Os *rankings* de Serviços, Hospitais, Faculdades de Medicina, Universidades integram de forma progressiva, na sua grande maioria dados relativos às publicações científicas. Já não é suficiente a publicação científica “per se”. O artigo científico deve ser publicado em revistas indexadas em bases bibliográficas, preferencialmente de acesso livre, PubMed/Medline ou mesmo a Scielo.

Referia em 2001 o famoso editor-chefe do British Medical Journal, Richard Smith “America’s two greatest gifts to the world are jazz and Medline”.¹ Com o desenvolvimento da Internet, esta base de dados tornou-se universal, passando a estar gratuita em 1997 por decisão do Vice-Presidente dos EUA Al Gore, através de um novo interface, PubMed.

Por outro lado não chega a publicação em revistas indexadas. O passo seguinte é que a revista tenha fator de impacto (FI). Quanto mais elevado melhor. Mas o passo seguinte é o número de citações do artigo, sempre que possível a seguir à sua publicação. A métrica das revistas através do fator de impacto não será o ideal, mas é o mais utilizado. Não deve ser empregue como um valor absoluto e incontestável. O fator de impacto (Journal Citation Reports/ Thomson-Reuters) depende de múltiplos fatores e pode variar com a área científica da publicação.

É de todos conhecido a dimensão dos efeitos de uma publicação numa revista de elevado fator de impacto. Grandes avanços da medicina clínica, da cirurgia, das diferentes especialidades e subespecialidades, da investigação básica, fármacos inovadores, inovações tecnológicas, etc., etc. Podemos dizer que muitos dos passos que têm acompanhado o progresso da humanidade, o fantástico aumento da esperança média de vida, estão registados nas publicações científicas. Podemos dizer que o património das publicações científicas é um bem para o desenvolvimento do ser Humano, no contexto da definição de saúde global da Organização Mundial de Saúde, bem-estar físico, mental e social e não apenas ausência de doença.

As grandes revistas de alcance internacional na área da dita “Medicine, General & Internal”, os Big Five são o New

England Journal of Medicine, The Lancet, JAMA, Annals of Internal Medicine e British Medical Journal (BMJ). O FI da New England é de 55,8 e da BMJ 17,4. A única revista médica portuguesa incluída nesta categoria é a Acta Médica Portuguesa que ocupa a posição 135 em 153 revistas, sendo seu primeiro FI obtido em 2010, atualmente com 0,360. Os últimos sete anos foram muito importantes no sentido do desenvolvimento e crescimento das publicações médicas nacionais. Quatro revistas atingiram a obtenção do FI. São as “Big Four” na área da medicina portuguesa: Acta Reumatológica Portuguesa (2009, agora com 0,286), Revista Portuguesa de Pneumologia (2010, agora com 1,167), Revista Portuguesa de Cardiologia (2011, agora com 0,454)

Referia-me recentemente, uma autora, numa reunião de cariz internacional sobre hepatites víricas na Eslovénia: “Quinze dias depois de ter publicado o artigo fui convidada para uma reunião internacional, onde estavam elementos da Organização Mundial de Saúde, Centers for Disease Control and Prevention. Não conhecia ninguém. O convite vem na sequência da publicação do artigo.” Apenas um exemplo.²

O objetivo último será sempre elevar a qualidade da medicina praticada para com a população que servimos e ajudamos.

Para que um artigo, por exemplo da área clínica, chegue a bom porto, muitas horas de trabalho (milhares) estão na sua base. Anos a ver doentes, uma boa base de dados, excelentes registos, comunicações em congressos e reuniões científicas, semanas a preparar o *draft* final, etc., etc. De outro modo, os clínicos cada vez mais têm que se socorrer de quem saiba da área do *data mining*, os *data managers*, os *medical writers*, os estatistas, os epidemiologistas, quem saiba de edição científica e bibliometria.

Em conclusão, tem que se trabalhar de forma muito firme para que a qualidade da investigação e da prática clínica se faça acompanhar de uma forte aposta nacional na publicação científica de qualidade. A medicina em Portugal tem que ser competitiva com o que de melhor se faz no estrangeiro. A competitividade passa de forma muito marcante pela publicação de excelência.

Cinco dicas para melhorar a qualidade da publicação científica em Medicina^{3,4}

- Formação obrigatória em pesquisa, edição e sobre o mundo real da publicação científica durante os cursos de Medicina.
- Planear desde o início e promover de forma muito ativa a investigação original, clínica ou básica, nos internatos da

especialidade. Os internos devem ter tempo protegido (*protected time*) e obrigatório para redigirem e publicarem.

- As revistas científicas têm que se profissionalizar, mas a sua atividade deve ser orientada para os resultados. Um dos grandes e difíceis objetivos passa pela sua indexação em bases bibliográficas de visibilidade internacional (Scielo, Medline, Thomson-Reuters)
- A qualidade das revistas científicas tem que ser baseada na excelência dos seus autores e dos seus artigos científicos.
- O papel do editor-chefe é fulcral na edição e publicação científica. O editor-chefe tem que ter um contrato com objetivos que deverá incluir formação especializada nesta área. Dependendo da dimensão da revista, o editor-chefe deve ser compensado em bolsa de horas ou de outra forma, incluindo a monetária. As revistas dificilmente sobrevivem sem editor-chefe atento, motivado, com capacidade de *network*.

“Helping doctors make better decisions
Patients comes first”
British Medical Journal, 2016

Conflito de Interesses

O autor declara não existir conflito de interesses em relação ao trabalho efetuado.

Fontes de Financiamento

Não existiram fontes externas de financiamento para a realização deste artigo.

REFERÊNCIAS

1. Smith R, Chalmers I. Britain's gift: a "Medline" of synthesised evidence. *BMJ*. 2001;323:1437-8.
2. Folch C, Casabona J, Espelt A, Majó X, Meroño M, Gonzalez V, et al. High prevalence and incidence of HIV and HCV among new injecting drug users with a large proportion of migrants is prevention failing? *Subst Use Misuse*. 2016 ;51:250-60.
3. Donato H, Marinho RT. How to do an effective literature search? The use of Push and Pull strategies. *Acta Med Port*. 2013;26:471-5.
4. Marinho RT, Donato H, Fernandez-Llimos F, Massano J, Silva JM, Almeida M, et al. Think tank: strategic report on the scientific biomedical publication in Portugal. *Acta Med Port*. 2014;27:1-3.